

DIALÉTICA: duas dimensões - hegeliana e marxista

Luiz Carlos dos Santos

A concepção estruturalista, conforme exposto no texto precedente, propõe, a partir de um fenômeno concreto, a construção de modelos que buscam penetrar na realidade e retratá-la com fidedignidade. Em seguida retorna-se ao concreto, dessa vez como realidade estruturada e relacionada com a experiência do sujeito social. Parte-se do princípio pelo qual, em todo fenômeno, existe uma estrutura invariante e objetiva que se esconde por trás de uma variabilidade aparente. Busca-se a representação simplificada do real, por meio da construção do modelo, atingindo, assim, a inteligibilidade do fenômeno

Quanto à concepção dialética, de início, é de bom alvitre encarar a dialética sob a perspectiva dos dois pensadores - Hegel e Marx. Ambos não têm para si a dialética como mero procedimento lógico ou retórico como seria para Aristóteles. A dialética estaria relacionada, indistintamente, com uma filosofia da história e, no caso de Marx, com uma teoria da práxis.

Convém lembrar que Marx é um seguidor de Hegel, sendo a dialética idealista transformada em uma dialética materialista. Convém, nesse sentido, conferir um texto em que essa passagem é fundamental: A Ideologia Alemã, de Marx., publicado pela Editora Martins Fontes.

O Processo é semelhante em ambos: a uma tese (determinada situação histórica) antepõe-se uma antítese (contida na própria tese) que gera uma síntese diversa das partes que a originaram. Daí, as diferentes fases da História.

A fundamental diferença reside no fato que para Hegel, o caminho dialético segue até o Absoluto, mediante um processo em que o Espírito ganha consciência de si (nos termos do idealismo alemão). A cada novo estágio o Espírito conscientiza-se mais de si através dos elementos de contradição contidos em sua própria fase histórica. Assim, em determinado período, "o homem é escravo"; entretanto, a própria "idéia" de homem concebe a liberdade e se antepõe à escravidão. Homem e escravidão entram em contradição, então, o homem deve deixar de ser escravo, o Espírito ganha consciência -Nova fase histórica -. Aqui se expressa a famosa passagem da dialética do senhor escravo contida em "A Fenomenologia do Espírito".

Pode-se inferir que Marx coloca Hegel sobre os próprios pés. Para ele não é a consciência que transforma as relações materiais, mas o contrário: são através dos processos sociais materiais, notadamente do trabalho, que a consciência é formada. Vale dizer que as relações materiais exprimem-se nas nossas ideias. Assim, embora o processo seja o mesmo:

tese - antítese - síntese, em Hegel, a Ideia entra em contradição com as relações materiais e transforma as condições históricas para algo novo; em Marx, as relações de produção (para ficarmos em seus termos) entram em contradição com as Idéias e apontam também para algo novo. Pode parecer simples, mas essa simples mudança de posição tem conseqüências importantes na filosofia e teoria social dos dois pensadores. Para mais informações com riqueza de detalhes sobre a dialética, existe um ensaio de Norberto Bobbio, intitulado “A Dialética em Gramsci”.

Observa-se, frequentemente, na literatura sobre a matéria que Hegel “[...] defendia a transformação apenas ao nível do Pensamento, enquanto Marx [...]”. Isso não é rigoroso. A verdade é que, para Hegel, o motor da transformação é a Razão num processo dialético que caminha para a Idéia Absoluta, em que se realiza a plena identidade do sujeito com o objeto. Em vez de o sujeito ter o objeto como algo fora de si, exterior a si, alheio a si, agora, reconhece o objeto como idêntico consigo mesmo. A Idéia Absoluta é, pois, a verdade absoluta, e a necessidade de atingir, o motor da história. Diz-se que a Idéia Absoluta é uma verdade absoluta que a história persegue sem nunca a atingir.

Aliás, só se pode compreender a dialética hegeliana em ligação com a revolução e a destruição do mundo feudal, e isso não se passou no “Pensamento”. O seu papel foi traduzir filosoficamente o movimento revolucionário da época. Ela é revolucionária também quanto à forma: a) separação dos dados imediatos, ruptura radical com o que existe novo começo; b) princípio da oposição e da negação; c) princípio da mudança e do desenvolvimento incessantes - o “salto qualitativo”.

Enfim, toda a ideia tem três momentos: primeiro apresenta-se (a tese); opõe-se a si mesma (a antítese); e, finalmente, regressa a si mesma conciliando tese e antítese (a síntese).

Consequentemente, em ambos, Hegel e Marx, a transformação ocorre na prática. Reafirme-se, então, a diferença é que motor dessa transformação é, em Hegel, a Idéia, a Razão, e em Marx são as forças produtivas e as relações de produção - a forma como o homem e as forças produtivas se relacionam entre si no processo produtivo.

Ressalte-se que, para Hegel, sendo a História um aperfeiçoamento do Espírito, é necessariamente um crescimento de liberdade. Os fatos da História comprovam isto. Nas primeiras civilizações, apenas um era livre o Faraó, por exemplo, e os demais, escravos. Depois, vieram civilizações como a grega, a romana, em que alguns eram livres - as oligarquias privilegiadas, as aristocracias - e os demais, escravos. Finalmente, chega-se a um estado na História em que ninguém será escravo e todos serão realmente livres.

Saliente-se, contudo, que para Hegel, ao contrário de Marx, é a Razão quem dirige a

História. Existe uma "astúcia da Razão", que utiliza os homens da História universal, imbuídos que são, regra geral, da sede do poder, da glória, da ambição, para através destes objetivos "egoístas" trazerem para a humanidade uma liberdade maior, um estado superior de civilização.

Constata-se, em Marx, no prefácio de sua obra "Zur Kritik der Politischen Ökonomie", o que se segue: "Na produção social da sua existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um grau de desenvolvimento determinado das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se alicerça uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas de consciência social determinadas".

O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência.

Sobre o que se designou depois por Materialismo Histórico, Marx pouco mais adiantou. Porém, entre os seus epígonos, os conceitos de "relações de produção" e de "forças produtivas" são, com muita frequência, utilizados sem que necessariamente se saiba aquilo de que se abstraiu na formação de tais conceitos. Quando os epígonos de Marx falam das relações recíprocas entre "relações de produção" e "forças produtivas", geralmente menosprezam o número infinito de fenômenos concretos, de homens, de coisas e de ações pelos quais essas relações, expressas de maneira abstrata, surgem concretamente na realidade.

Registre-se que Engels teria consciência disso, pois numa carta a Borgius, em 1894, frisou que, e "o desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico, etc., assenta no desenvolvimento econômico. Mas reagem todos, uns sobre os outros, e sobre a base econômica. Mas isto não porque a situação econômica seja a única causa ativa, e tudo o resto não passe de ação passiva. Pelo contrário, há uma ação recíproca".

Depreende-se que Marx, na sua luta contra o idealismo hegeliano, levou a que os seus epígonos transformassem a teoria numa simplificação mecânica e unilateral do desenvolvimento histórico na medida em que só destacam as grandes transformações qualitativas do sistema social, mas não tem em devida conta os processos complexos e prolongados que as preparam, nomeadamente o desenvolvimento concreto dos interesses e da estrutura social, subestimando a liberdade da ação individual e ignorando as motivações da ação subjetiva.

Entende-se que, em Hegel, havia idealismo, mas havia dialética; no Marxismo soviético o idealismo foi substituído pelo mecanicismo e a dialética por um escolasticismo axiomático.

Talvez, seja essa a razão dos regimes socialistas terem falhado, porque eram carregados de chavões.

É importante destacar que desde os gregos até o fim da Idade Média, a Dialética esteve identificada com a lógica. Ao longo da história, porém, enriqueceu muito seu significado, até tornar-se, com Hegel e Marx, uma das categorias mais importantes do pensamento filosófico.

Embora com a mesma raiz, os vocábulos diálogo e dialética podem significar dualidade, mas também oposição de razões, atitudes ou argumentos. A ideia de oposição, antítese ou contradição, porém, embora essencial à noção de dialética, não esgota seu significado. Para os filósofos gregos, era essencialmente um método lógico de perguntas e respostas que permitia chegar à conclusão verdadeira. Modernamente, adquiriu sentidos e inflexões diferentes e tornou-se uma espécie de pedra filosofal do nosso tempo, uma maneira dinâmica de interpretar o mundo, os fatos históricos e econômicos e as próprias idéias.

Em Sócrates, a dialética inclui três momentos: a hipótese, definição prévia e provisória do que se pretende conhecer; a ironia, interrogatório que leva o interlocutor a reconhecer a ignorância do que pretendia saber; e a maiêutica, arte de dar à luz as idéias adormecidas no espírito do interlocutor. Podia ser utilizada como simples método de debate, ou para a avaliação sistemática de definições ou ainda para investigação e classificação das relações entre conceitos gerais e específicos.

Analisando os diálogos de Platão, firmados no proceder dialético, nota-se o limitado alcance do método, em que a conclusão é apenas uma repetição, com termos diferentes, da proposição inicial. Para Aristóteles, a dialética platônica é um método menor quando confrontado com os da ciência.

Os pensadores renascentistas e racionalistas, de modo geral, não tiveram grande apreço pela dialética, que consideravam o método próprio das grandes sumas teológicas escolásticas. No fim do século XVIII, Kant a utilizou nesse sentido, transferindo para o plano transcendental a eficácia da dialética.

Contudo, na primeira metade do século XIX, Hegel fez da dialética um fator essencial de seu sistema, mas não a concebeu como método ou uso da razão, e sim como um momento da própria realidade. Para ele, a dialética consiste na contínua tendência dos conceitos a se transformarem em sua própria negação, como resultado do conflito entre seus aspectos contraditórios internos, o que dá origem a outros conceitos.

Na acepção hegeliana, a dialética é, portanto, a estrutura do real que, entendido como processo, envolve três momentos: do o da identidade ser em si “tese”; o da negação, do ser para si “antítese”; e o da negação da negação, do ser em si e para si “síntese”. O momento

propriamente dialético do processo é o da negação, implícito no anterior, da finitude do dado. O processo, porém, só é dialético porque não se detém na negação, que o imobilizaria. Pela negação da negação, alcança nova posição, ou positividade, que contém os momentos anteriores e os supera, na totalização ou síntese. Assim, a dialética converte-síntese. Assim, a dialética converte-se na manifestação da mudança contínua da realidade e do vir-a-ser do espírito absoluto - eixo do sistema hegeliano - na história.

A ideia de dialética é central também na teoria de Marx que, diferentemente de Hegel, não a vê como uma dinâmica especulativa, traduzida no âmbito das idéias ou conceitos, mas como instrumento que permite a compreensão adequada dos fenômenos históricos, sociais e econômicos reais. Dando conteúdo concreto à formulação abstrata de Hegel, Marx entende a contradição como a mola do processo histórico, tensão que o propulsiona e o faz progredir, em constante mudança e transição.

Em suma a concepção ou modelo de produção do conhecimento numa perspectiva dialética, segundo Rosilda Arruda Ferreira (2005), propõe penetrar no mundo dos fenômenos através da sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.

Entende-se, nesse contexto, a realidade social como totalidade, que se constitui na categoria fundamental para a aproximação do real. Cabe frisar, que nessa concepção a produção do conhecimento não se enquadra como um processo que se constrói a partir do isolamento das partes do todo, mas toma o todo, em suas articulações necessárias e contraditórias enquanto princípio fundamental.

Saliente-se que alguns autores preferem considerar a dialética com um enfoque, modelo, concepção em vez de método, argumentando que a dialética marxista propõe apresentar como se constitui o empírico, o concreto, partindo de alguns pressupostos dados, e não indicar os caminhos para explicá-lo, por isso não seria método.

Todavia, mesmo que alguns autores concordem que a dialética é um método, não há consenso quanto ao número de suas leis fundamentais do mesmo. Outros autores apontam as seguintes leis balizadoras: 1) ação recíproca, unidade polar ou tudo se relaciona; 2) mudança dialética, negação da negação ou tudo se transforma; 3) passagem da quantidade à qualidade ou mudança qualitativa e, 4) interpenetração dos contrários, contradição ou luta dos contrários.

Dando prosseguimento a esse ciclo de temáticas, no próximo texto abordar-se-á, em linhas gerais, a questão do positivismo.